

## A construção de uma “Maravilha”: Brasil e Argentina e as “disputas” pela paisagem das Cataratas do Iguazu (1880-1914)

CEZAR KARPINSKI\*

*A natureza, na história das sociedades, sempre despertou interesse, exerceu fascínio e provocou medo por seu incontrolável poder sobre a vida humana. Cientista, pintor ou poeta, todos se debruçaram sobre ela para buscar entender suas leis, tentar controlar suas ações ou encontrar nela conforto ou inspiração. (PRADO, 1999: 179)*



FIGURA 01. Vista aérea das Cataratas do Iguazu

FONTE: Iguassu Convention & Visitors Bureaux [s/data]

Se, por um lado, o fascínio dos humanos sobre a natureza os fez constituir profundas relações de dependência, respeito e admiração entre eles e Ela, por outro, o desejo de entendê-La também se traduz num profundo anseio por dominá-La. Este domínio pode não representar apenas o aspecto de posse, transformação, modificação, mas também o de construir significados para determinado espaço designado como “natural”. Neste sentido, os seres humanos passam a projetar sobre os agentes naturais suas ideias de Natureza, construídas culturalmente tanto em suas relações com os outros quanto em suas relações com aquilo que lhes represente o “natural”. E, nos apropriando das noções de Michel Foucault, entendemos

---

\* Doutor em História. Professor Adjunto I da Universidade Federal da Integração Latino-americana – UNILA.

que todas essas relações são permeadas pelo poder que “forma saber e produz discurso”. (FOUCAULT, 2005:8)

Ao longo da história ocidental, naquilo que se refere às relações com a natureza, a sociedade produziu e produz saberes e representações sobre determinados espaços delimitados ora para a contemplação do que se estabelece por Belo, ora para a preservação daquilo que se entende por espaços singulares ou, numa linguagem contemporânea, espaços de refúgio ecológico. Primeiramente no campo do discurso, essas ideias de natureza passam a se definir como “relações de poder”, pois as formas discursivas acabam por estabelecer também o lugar de onde os sujeitos as constituem, bem como os seus objetivos que atravessam todo o “corpo social”. Em tais objetivos emergem não apenas os desejos de domínio e posse do agente natural – pois muitas vezes alguns destes são constituídos discursivamente como “indomáveis” –, mas, principalmente, os conflitos travados no intuito de transformar esses espaços “naturais” em territórios.<sup>1</sup>

Assim, os discursos que permeiam os primeiros documentos brasileiros relacionados às cataratas do Iguaçu e a massa florestal que a circunda, constituíram uma tarefa complexa de descrever um espaço de beleza e riqueza natural aliada ao objetivo de transformá-lo num território de identidade nacional. Nestes documentos, “a natureza pode ser entendida como um objeto sobre o qual se elaboram representações que carregam visões de mundo e contribuem para a gestação de ideias que vão compor repertórios diversos, entre eles, os constitutivos da identidade do território e da nação”. (PRADO, 1999: 180) Tais documentos, analisados em minha tese de doutorado, instauraram uma luta pelo que denominei “domínio pela paisagem”. Tal postura deslinda aspectos intrigantes da formação das fronteiras entre Brasil, Paraguai e Argentina (o que hoje chamamos de Tríplice Fronteira) e constrói este espaço como um “território das águas” devido às singularidades das duas quedas gigantescas que coexistiam na região e que dividiam territórios do Brasil, Paraguai e Argentina: as Sete

---

<sup>1</sup> Por território, entendo o espaço ocupado pelos humanos e por estes modificados, adaptados ou reconstruídos ao longo do tempo. São as relações sociais que fazem de um dado espaço geográfico um território que se constitui em múltiplas temporalidades e com valores e significados também diversos. Segundo Marcel Roncayolo, “a territorialidade não precede, nem lógica, nem cronologicamente o estabelecimento de relações sociais ou de mentalidades; exprime-os de uma forma original, acompanha-os no seu desenvolvimento, representa-os e fixa-os simultaneamente”. (RONCAYOLO, 1996:266)

Quedas, formadas pelo rio Paraná e submersas na década de 1980 devido à construção da Hidrelétrica Itaipu, e as Cataratas do Iguçu.

Embora os discursos sobre Sete Quedas envolvam grande parte das discussões acerca das Cataratas do Iguçu, principalmente nas descrições comparativas, as narrativas sobre estas sempre ocuparam maior espaço nos documentos que perfazem o recorte temporal proposto para esta pesquisa. É certo que exista um paralelo entre a construção de uma e outra paisagem, porém, as discussões acerca das cataratas ganham destaque pelo contexto político conflituoso na delimitação das fronteiras entre Brasil e Argentina entre fins do Século XIX e início do Século XX.

De certa forma, essas discussões ganharam densidade com a instalação da Colônia Militar do Iguçu em 1888. A presença dos militares e o desejo de povoar a região fizeram com que emergissem narrativas descritivas de um território singular banhado pelos rios Paraná e Iguçu. Ao rio que levava o nome do próprio estado, os discursos se davam em torno da exploração estrangeira na extração da erva-mate e madeira e das possibilidades de fácil ligação entre o porto da colônia militar às cidades que compunham o “Estuário do Prata” (Montevideu, Buenos Aires, Rosário, Corrientes e Posadas). Já sobre o rio Iguçu se destacavam os discursos que visavam constituir a paisagem das grandes quedas de água que formavam uma “espetacular” catarata.

Neste sentido, desde os últimos anos do século XIX até o primeiro quartel do século XX, as Cataratas do Iguçu se tornaram o principal cenário do rio Iguçu. Dentro desta perspectiva, os discursos de intelectuais, cronistas e políticos que visitavam as cataratas procuravam constituir e divulgar uma beleza natural deslumbrante propiciada pelo rio Iguçu a poucas léguas antes de sua “entrega” ao rio Paraná. Assim, percebe-se a emergência de discursos ligando o rio Iguçu às cataratas, hoje consideradas, conjuntamente com o Parque Nacional do Iguçu, um Patrimônio Natural da Humanidade<sup>2</sup> e uma das Novas Sete

---

<sup>2</sup> Segundo a União das Nações Unidas (ONU), as Cataratas do Iguçu formam uma das maiores e mais impressionantes cachoeiras do mundo e, estando dentro do Parque Nacional do Iguçu, constituem um Patrimônio Natural da Humanidade, não apenas pelas quedas d'água, mas também por ser berço de inúmeras espécies de fauna e flora ameaçadas de extinção. Esse ecossistema singular de floresta atlântica, rio e cataratas foi categorizado como patrimônio no ano de 1986. (UNESCO, 1984:p.30-33)

Maravilhas da Natureza.<sup>3</sup> Contudo, no início do século as formações discursivas buscavam constituir mais a paisagem singular e pitoresca do que o território de diversidade biológica do planeta que os tornou patrimônio do mundo. As noções de natureza e beleza se subsumiam numa estética paisagística que, segundo seus narradores, identificavam o Brasil da primeira república: um país repleto de belezas naturais cujo futuro não poderia reservar outra coisa senão o progresso e a riqueza.

Sendo assim, o Estado do Paraná, por ser o território onde avultavam tais paisagens “naturais”, era já considerado uma “terra do futuro”, principalmente pela fama e notoriedade que passaria a ter quando os *touristes* do mundo todo viessem conhecer e testemunhar “a incomparável maravilha panorâmica” desta terra. (SILVEIRA NETTO, 1914:33) Desta forma, o rio Iguaçu passa a ser descrito como um rio cuja natureza o fez “pura arte”. Na visão de alguns cronistas, as cataratas representavam a arte em estado puro, um milagre artístico da própria natureza cuja beleza e esplendor deveriam ser expostas ao mundo, para que os amantes do belo tivessem a noção do que poderiam encontrar nessas longínquas terras paranaenses.

Este “novo” modo de descrever o rio Iguaçu, a partir de suas cataratas, apresenta um discurso voltado para as belezas naturais que poderiam atrair vários negócios lucrativos para a fronteira Oeste. Com esse intuito, as cataratas do Iguaçu e seu entorno passaram a ser descritos como um esplendor da natureza, um espetáculo que deveria ser visto por muitos seguindo o apelo mundial ao turismo e à criação de parques florestais para suprir este tipo de demanda. O primeiro planejamento na colônia militar para aliar ao espaço das cataratas um Parque Nacional data de 1897 e foi concluído pelo então Alferes Edmundo de Barros. É dele, inclusive, a primeira planta dos saltos que estabelece a nomenclatura de cada um e o espaço já reservado para o Parque, conforme podemos visualizar na Figura 02.

---

<sup>3</sup> Depois de mais 4 anos de campanha e especulações, no início de 2012 as Cataratas do Iguaçu se tornaram oficialmente uma das Sete Maravilhas da Natureza. Não é nosso objetivo aqui discutir o caráter político e econômico de uma eleição deste porte, no entanto, é importante para a legitimação da pesquisa, perceber que hodiernamente existe um movimento histórico em torno deste espaço, obedecendo interesses múltiplos que desconsideram as relações históricas que envolvem um processo secular de construção da paisagem e disputa por seu domínio. Sobre a eleição das Sete Maravilhas da Natureza cf. (NEW OPEN WORLD CORPORATION, 2010-2012).



FIGURA 02. Planta dos Grandes Saltos Do Iguassú [...]  
FONTE: Barros (1897)

A planta representada pela Figura 02 foi concluída por Barros em 1897 e, além da denominação dos saltos junto ao desenho de cada um, estabelece na legenda que faz parte de um estudo feito com o intuito de implantar no entorno das cataratas um “Parque Nacional Brasileiro”. É importante destacarmos o conteúdo desta legenda inscrita no lado inferior esquerdo da imagem reproduzida:

*Grandes Saltos do Iguassú com denominação argentina de Saltos Victória e brasileira de Santa Maria. [De jusante e por 25º NO.  
Schema apresentado segundo planta de estudos feitos no anno de 1897 para servir na demarcação de uma sede urbana do futuro Parque Nacional do Iguassú pelo diretor da Colônia Militar de Foz do Iguassú [ilegível]... Edmundo de Barros. (BARROS apud NASCIMENTO, 1914:45)*

Na Argentina, as especulações sobre a formação de um Parque Nacional se deu a partir de 1902 cujo projeto foi desenvolvido pelo famoso engenheiro e paisagista Charles Thays.<sup>4</sup> Segundo Sonia Berjman, o projeto do *Parque Nacional del Iguazú* foi, sem dúvida, o

<sup>4</sup> Charles Thays (1849-1934), arquiteto paisagista nascido na França, se estabeleceu em Buenos Aires no ano de 1889 onde acabou vivendo o restante de sua vida. É considerado um dos mais importantes paisagistas da Argentina devido grandes projetos realizados em todo o país. Planejou e projetou diversas obras de urbanismo e

de maior magnitude na carreira de Charles Thays, pois abarcava 750 km<sup>2</sup> contendo em seu interior florestas nativas, cataratas, paisagens naturais, escolas de silvicultura, uma colônia militar e um centro urbano. (BERJMAN, 1998:134) A autora afirma ainda, que os estudos para a instalação deste parque tiveram início em maio de 1902 através de uma encomenda do Governo do Território das *Misiones* e do Ministério do Interior da Nação. Charles Thays deveria, sob as ordens do governo, “proyeter las obras que facilitarían el acceso a los saltos y proponer la forma de asegurar, ‘en condiciones realmente confortables, la permanencia de los turistas em aquellos hermonisísimos parajes’”. (BERJMAN, 1998:135)

No intuito de realizar tal trabalho, Thays já havia feito sua primeira excursão exploratória no primeiro semestre de 1902.<sup>5</sup> Os detalhamentos da região feitos por Thays nesta excursão originou um “informe general de obras y proyectos” que dez anos mais tarde tornar-se-ia um amplo desenho do que designou como *Parque Reserva del Iguazú*. (BERJMAN, 1998:135) O próprio Charles Thays, em uma conferência proferida em 13 de junho de 1913 num Congresso Internacional, em Paris, assim descreveu sua incumbência nestes estudos para a instalação do parque ou reserva nacional:

*Apreciando la belleza incomparable de las Cataratas del Iguazú y de toda la región que las rodea, hace trece años el gobierno resolvió crear allí un gran parque o Reserva nacional, y me encargo los estudios correspondientes. Luego de haber efectuado vários viajes por esas magníficas regiones, levanté el plano [...] que fue aceptado a grandes rasgos por el actual ministro de Agricultura, el Dr. Adolfo Mujica.* (THAYS, 1913 In. BERJMAN, 2002:357)

Alguns cronistas brasileiros, em especial Domingos Nascimento, que visitou a Colônia Militar de Foz do Iguaçu no ano de 1902 e cujo extrato da viagem foi publicado com o título *Pela Fronteira*, apontam similitudes entre os projetos de Thays e de Nascimento, originando uma contenda discursiva sobre a “originalidade” da ideia de Parque Nacional do Iguaçu. Em uma de suas narrativas, Nascimento inscreve um sentimento de impotência diante do adiantado planejamento argentino sobre a região:

---

paisagismo e entre seus trabalhos mais famosos estão a Praça de Maio e o Jardim Botânico de Buenos Aires e os Parques de Palermo e Centenário. No Brasil, segundo Barbara Prado, Thays contribuiu na urbanização de São Luiz - MA. (PRADO, 2006). Para mais detalhes sobre a biografia deste paisagista cf. PAISAJISTAS THAYS (s/data)

<sup>5</sup> Esta excursão de Thays às cataratas foi publicada na revista argentina *Caras y Caretas* em abril de 1902. (THAYS, 1902)

*Mas, se não podemos, nós brasileiros, por enquanto fazer de nossa parte alguma coisa que demonstre certo zelo pelo que nos pertence, aproveitando a prodigalidade de nossa natureza, reste-nos o consolo em afirmar que a primeira planta construída nesse sentido pertence ao oficial do nosso exército, capitão Edmundo Barros, feita em 1897 e cujo original, de uma idéia admirável de beleza e fácil execução, indo parar nos gabinetes do governo argentino, provocara os seus zelos, adeantando-se com tal Projecto. (NASCIMENTO, 1903:129-130)*

Tais afirmações nos colocam diante de um fato instigante que é a autoria de um projeto de parque anterior ao que se desenvolvia na Argentina e ainda, que este se originou daquele. Essas relações entre o projeto de Thays e o esquema de Barros merecem maior discussão.

Sonia Berjman, ao discutir o projeto do *Parque Reserva Del Iguazú* dentro da obra de Charles Thays, afirma que a ideia do Parque Nacional que Thays precursoramente planejou foi recolhida de uma iniciativa do Brasil no ano de 1897. A autora não detalha em que consistia essa “iniciativa brasileira” de parque, “recolhida” em 1897, – que sabemos ser o esquema detalhado na Figura 02 – o que reforça a afirmação de Nascimento de que Edmundo de Barros teria formulado um projeto desta natureza. Contudo, segundo Berjman, os moldes do parque planejado por Thays foram inspirados essencialmente pelo Parque de Yellowstone, criado nos Estados Unidos em março de 1872,<sup>6</sup> e nos que depois se instalaram na Austrália e no Canadá com “um prolijo relevamiento de los lugares em que podrían colocarse puentes y pasarelas, así como los puntos de observación más adecuados”. (BERJMAN, 1998:136)

Além das afirmações de Berjman sobre a iniciativa brasileira de um Parque Nacional, ideia colhida e realizada pelo governo argentino, existe outra alusão à existência do parque numa das obras de Florêncio de Basaldúa, importante estudioso da história dos povos pré-colombianos da América do Sul entre fins do século XIX e início do XX. Ao visitar as Cataratas do Iguazu, no final do século XIX, Basaldúa narra que se deparou com a inscrição em uma pequena tábua pregada numa árvore do lado brasileiro com os dizeres “Entrada do Parque Nacional do Iguazu”. Segundo este autor argentino, tal inscrição era obra do chefe da Colônia Militar do Iguazu:

*Pocos metros adelante vi um cartelon clavado al tronco de um arbol por el jefe de la colônia militar Del Uguazú, com esta leyenda: “Entrada al Parque Nacional”. La tablilla há sido escrita inspirando-se su autor em la lectura descriptiva de aquel outro maravilloso parque de Yelowston, que La sabia prevision Del gobierno norte-*

<sup>6</sup> O Parque de Yellowstone foi o primeiro parque nacional do mundo. (HAINES, 1996)

*americano há conservado fiscal para recreo e admiracion de los hombres capaces de sentir lãs belezas de la naturaleza. Ojalá el gobierno brasileiro decrete igual medida, conservando la propiedad de las tierras adjacentes á la catarata del Uguazú, para entregarlas á la admiracion universal.*(BASALDÚA, 1901 apud SILVEIRA NETTO, 1914:131)

Desta forma, na concepção de Edmundo de Barros, o entorno das Cataratas do Iguaçu era um Parque Nacional já no final da década de 1890. Por mais que não o fosse de direito, para ele era de fato, afinal, a placa indicativa do início do “parque” avistada por Basaldúa insere justamente esse ideal do chefe da colônia militar. Conforme apontou Basaldúa, a inspiração para o projeto de Barros também foi o Parque de Yellowstone, dos Estados Unidos da América, o que densifica a análise sobre a postura de Nascimento no que se refere ao papel de Barros na realização do parque nacional projetado na Argentina por Charles Thays.

Estas discussões iniciais, feitas em nossa tese de doutorado, apontavam para questões que legitimavam a continuação de nossas pesquisas. Por isso, propomos no ano de 2012 um projeto de pesquisa intitulado “Levantamento de fontes históricas sobre o Parque Nacional e Cataratas do Iguaçu (Brasil e Argentina, 1860-1914)” com o intuito de aprofundar, com acesso a fontes na Argentina e revisão em fontes existentes no Brasil, as redes de sociabilidade entre brasileiros e argentinos nesta colônia militar. Entendemos que a troca de ideias ou plantas de constituição de um parque nacional nas cataratas do Iguaçu pode ser uma forma de se chegar a outras explicações sobre tensões e conflitos na fronteira e como estas se resolviam, já que os documentos pesquisados até agora apontam para soluções diplomáticas.

O principal objetivo deste projeto é o de fazer um levantamento de fontes documentais sobre o Parque Nacional e as Cataratas do Iguaçu em bibliotecas, museus e arquivos brasileiros e argentinos para a constituição de um acervo sobre esta temática na UNILA. Tais fontes se referem a relatos de viajantes, relatórios técnicos, mapas, representações artísticas, cartões postais e fotografias num recorte temporal que vai de 1860-1914. Além disso, buscamos fomentar entre os alunos de história e áreas afins a pesquisa metodológica com as fontes históricas; constituir um espaço de pesquisa e debate sobre História e Meio Ambiente na vertente temática Rios e Populações ribeirinhas; intercambiar documentos históricos sobre a temática em questão com países vizinhos, especialmente a Argentina; formar,

primeiramente, um acervo digital sobre os objetos Parque Nacional e Cataratas do Iguaçu com vistas à criação de um *site* para divulgar e partilhar os resultados da pesquisa.

Uma vez aprovado e com a participação de três bolsistas de iniciação científica - um aluno brasileiro de Ciência Política e Sociologia, uma aluna uruguaia de Relações Internacionais e uma aluna brasileira de História - a pesquisa tem viabilizado um processo de recolhimento de dados e fontes sobre questões até então lacunares nesta história. A pretensão é a de estender aos arquivos, museus e bibliotecas da Argentina a busca de fontes já mapeadas no Brasil tais como: relatos de viagem e de expedições, imagens (mapas, obras de arte, cartões postais, fotografias) e relatórios técnicos (plantas baixas, esquemas, desenhos) que nos possibilitem discutir as diversas formas de interpretação do espaço. Com isto, será possível formar um *corpus* documental que favoreça a pesquisa e colabore na formalização de trabalhos de conclusão de curso e/ou projetos de pós-graduação.

### **Das questões teórico-metodológicas da pesquisa em andamento**

As relações e interconexões entre História e Natureza ou, se preferirmos uma categoria contemporânea, História e Meio Ambiente, têm se estreitado cada vez mais, rerepresentando áreas de pesquisa e estendendo suas contribuições a campos que até então não constituíam interesse à crítica historiográfica. Especificamente sobre as águas/rios existe já uma densa bibliografia que demonstra a pertinência destes objetos na compreensão das relações sociais que sempre mantivemos com os espaços hídricos. Vários autores nos mostram como a água e seus espaços constituíram imagens que povoam nossas memórias, poesias, sonhos e devaneios. Gaston Bachelard em *As águas e os sonhos* afirma que “água” e “fascínio” estão intimamente ligados nas imagens que os seres humanos constroem para si mesmo, sejam de pureza, de memórias, de paisagens poetizadas ou pintadas. Bachelard chega a afirmar que as águas possuem vozes numa linguagem poética marcada por construções imagéticas advindas das imagens de rios e regatos que “sonorizam com estranha fidelidade as paisagens mudas, que as águas ruidosas ensinam os pássaros e os homens a cantar, a falar, a

repetir, e que há, em suma, uma continuidade entre a palavra da água e a palavra humana”. (BACHELARD, 2002:17)

Inspirado pela obra de Bachelard, Simon Schama escreveu *Paisagem e Memória*, cuja proposta é entender a Paisagem na interface de uma categoria tão cara à História que é a Memória. Nesta importante obra, Schama reúne ao mesmo tempo densidade e erudição com uma escrita encantadora, capaz de prender o leitor do início ao fim de sua extensa obra. No entanto, aquele que adentrar o livro na procura de uma análise teórica sobre os dois temas que dão título à obra, logo se frustrará ante a empiricidade de suas constatações tão repletas de fontes que vão desde relatos de guerras às obras literárias, passando por pinturas, esculturas, discursos políticos, lápides de túmulos, relatos de caça, de viagem e até mesmo suas lembranças pessoais e de familiares. Para Schama, todas as paisagens são construções culturais obedientes tanto aos sentimentos advindos da memória quanto de ações políticas ou táticas de guerra. “Antes de ser um repouso para os sentidos, a paisagem é uma obra da mente. Compõe-se tanto de camadas da lembrança quanto de estratos de rochas”. (SCHAMA, 1996:17) Neste sentido, ao historiar a constituição das paisagens historia-se também as relações sociais com a água ou com a floresta, para especificarmos os objetos Parque Nacional e Cataratas do Iguazu.

Com relação à metodologia estamos fazendo visitas orientadas aos arquivos públicos, museus e instituições que, de certa forma, possuem a guarda de documentos históricos sobre o Parque Nacional e Cataratas do Iguazu. Neste primeiro momento da pesquisa, os documentos encontrados foram catalogados a fim de, posteriormente, fazerem parte de um catálogo digital ou impresso. Além disso, utilizamos ferramentas digitais para construir um banco de dados com imagens dos documentos que assim puderem ser tratados, através de fotografias digitais.

Interessou neste primeiro momento, a pesquisa na Argentina, especialmente em Buenos Aires, na Biblioteca Nacional, e em La Plata, no Museu de La Plata. Na Biblioteca Nacional, pesquisaram-se relatos de viajantes, relatórios de expedições geográficas e científicas, catálogos biológicos e imagéticos (cartões postais, fotografias, películas) sobre os assuntos de interesse. No Museu de La Plata estão as primeiras obras artísticas sobre as cataratas e os primeiros levantamentos das espécies dos atuais parques nacionais que

circundam as cataratas, como exemplo a Figura 03, um óleo sobre tela do pintor Augusto Ballerini.



**FIGURA 14. Cataratas del Iguazu**

FONTE: Methfessel (1892)

Paralelamente a esta busca na Argentina, foi feito um levantamento nas instituições de acervo em Foz do Iguaçu e Curitiba que abrigam documentos nacionais sobre os objetos desta pesquisa. Entre livros e artigos catalogados até o momento, contamos com 38 obras entre encontradas na Argentina, destes a maioria foi digitalizada e, aproximadamente, 30 obras encontradas em acervos do estado do Paraná. A pesquisa segue com buscas na biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Desta forma, podemos concluir que, existe um número significativo de fontes sobre a temática no recorte temporal proposto que viabilizará novas análises e reflexões sobre a construção da paisagem Cataratas e Parque Nacional do Iguaçu.

## Referências

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BARROS, Edmundo Francisco Xavier de. Planta dos Grandes Saltos do Iguassú ou de Santa Maria. [1897]. In: NASCIMENTO, Domingos. **A hulha branca no Paraná**. Curitiba: Centro de Letras do Paraná : Turnauer & Machado, 1914.

BERJMAN, Sonia (comp.). **Carlos Thays** : sus escritos sobre jardines y paisajes. Buenos Aires : Ciudad Argentina, 2002, p.357.

\_\_\_\_\_. **Plazas y parques de Buenos Aires**: la obra de los paisagistas franceses (1860-1930). Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 1998.

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. *In*:\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 21.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

HAINES, Aubrey L. **The Yellowstone Story**: a history of our first National Park. Niwot: University Press of Colorado, 1996.

IGUASSU CONVENTION & VISITORS BUREAUX. Vista aérea das Cataratas do Iguazu. s/data. 1 fotografia aérea color. *In*: PARANÁ. **Guia Geográfico do Paraná**. [Curitiba]: [s.d.], [2010].

METHFESSEL, Adolfo. **Cataratas del Iguazú**. 1892. Óleo sobre tela, color. 75 x 175 cm. Museu de La Plata.

NASCIMENTO, Domingos. **A hulha branca no Paraná**. Curitiba: Centro de Letras do Paraná : Turnauer & Machado, 1914.

\_\_\_\_\_. **Pela fronteira**. Curitiba: Typ. d'A Republica, 1903.

PAISAJISTAS Thays. **History**. Buenos Aires: Paisajistas Thays, [s/data]. Disponível em: <[http://www.estudiothays.com.ar/historia\\_eng.php](http://www.estudiothays.com.ar/historia_eng.php)>. Acesso: 20 jun. 2009.

PRADO, Barbara Irene Wasinski. Charles Thays na formação urbana de São Luis: a ilheidade de São Luis a partir da Praça Pedro II. **Paisagem e Ambiente**, v. 24, p. 69-80, 2006.

PRADO, Maria Lígia Coelho. Natureza e Identidade Nacional nas Américas. *In*: \_\_\_\_\_. **América Latina no Século XIX**: tramas, telas e textos. São Paulo: Edusp; Bauru: Edusc, 1999.

RONCAYOLO, Marcel. Território. *In*. **Enciclopédia Einaudi**, v.8. Região. Porto: Inova/Artes Gráficas, 1996.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

SILVEIRA NETTO, Manoel de Azevedo da. **Do guayra aos saltos do Iguassú**. Curitiba: Typographia do Diário Oficial, 1914.

THAYS, Charles. La excursión de M. Thays al Iguazú. **Caras y caretas**. Buenos Aires, 06 de abril de 1902.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

12

UNITED NATIONS EDUCATIONAL SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). **Nomination to the world heritage list: Iguazu National Park.** Paris: UNESCO, 1984.